Memória, corpo e história^{1 2}

Ricardo Bernardi³

Resumo: O autor desenvolve a ideia de que algo começa muito antes da linguagem, na relação do corpo com os outros, denominados “esquemas-de-estar-com” ou pictogramas. As marcas desta pré-história estão, sem dúvida, no corpo vivente, provavelmente na zona em que os traços temperamentais se prolongam na organização do caráter. Se algum sentido deve ser conservado na noção de pulsão, é precisamente esta exigência que o corpo impõe ao psiquismo, começando por dar sentido a seus próprios comportamentos interativos.

Palavras-Chaves: psicanálise, corpo, memória, história.

I.- O tema do tempo é central em psicanálise. Gostaria de abordar o problema da recuperação do passado na análise a partir de um exemplo clínico. Por razões de tempo e descrição, só apresentarei os aspectos do material relevantes para o desenvolvimento da minha exposição.

De certo modo, poderia dizer que o tema levantado é o dos registros mnêmicos e seu acesso à consciência através de representações-coisa e de representações-palavra, porém prefiro seguir por caminhos que não são os da metapsicologia clássica, deixando que surjam dessa maneira novas problemáticas e desafios.

II.- A análise de Graciela mostrava, desde tempos atrás, sinais inequívocos de que nos aproximávamos de um material inconsciente homossexual fortemente reprimido.

Este aspecto não era, porém, o foco de sua análise. Uma atitude sempre exigente consigo mesma e com os demais, malograva os melhores momentos de sua vida. Por trás disso, sentia que abrigava em seu interior uma desconfiança diante de tudo o que significava uma perda de controle da situação. Este material homossexual aflorou em momentos em que permitia que necessidades afetivas, que implicavam uma maior dependência, permeassem em sua análise através de sua couraça

1. Sob autorização da Associação Psicanalítica do Uruguai.

2. Tradução para o português: Adalberto A. Goulart.

3. Doutor em Medicina (Universidad de la República, Uruguay), especialista em Psiquiatria, Psicanalista membro titular (Asociación Psicoanalítica del Uruguay), Doutor em Psicologia (Universidad de Buenos Aires), Professor Emérito da Faculdade de Medicina (Uruguay), Membro Titular da Academia Nacional de Medicina (Uruguay).

caracterológica.

Em uma sessão em que, a nível contratransferencial, senti presente o seu conflito homossexual, Graciela me contava uma cena com sua filha pequena em que a erotização mútua era inequívoca. Assinalo isto – emprego a propósito a palavra “homossexual”, embora normalmente teria evitado os termos técnicos, porque Graciela é muito susceptível ao que sente que lhe oculto – e o conecto com a forma em que ela está reagindo a uma frustração comigo e a forma em que, quando menina, reagiu frente a frustrações similares. Ela rechaça esta interpretação e mais ainda a conexão com a infância: a paciente praticamente não tem recordações anteriores à puberdade. A sessão continua – seu desgosto pelo que eu disse cedeu, frente à certa perplexidade ante sua falta de recordações – e pouco antes de terminar, lhe vem à mente de súbito, uma cena muito antiga... devia ser anterior a ir à escola... ela e uma amiguinha... não se recorda das circunstâncias, porém se recorda do lugar... em uma peça de fundo... ela tirou a roupa de sua amiga... houveram beijos e carícias...

O que significa – me diz – isso que recordou? Foi correto? Sim, disso ela não tem dúvida. Porém, porque apareceu agora, se era algo que nunca havia recordado? Não podia ou não queria recordar? Porém... para que recordar? E porque precisamente agora?

O fato clínico de que Graciela recupere em sua análise memórias infantis esquecidas, tem em si mesmo algo de trivial pela frequência com que ocorre – sempre e quando o analista presta atenção a isso. Porém as perguntas que surgiram a Graciela não são triviais: tocam em muitos dos debates atuais em psicanálise e – caberia adicionar – também em disciplinas vizinhas.

III.- Falei de Graciela. Vejamos agora o que se passou em minha mente, em parte durante e em parte depois da sessão. A cena infantil se conectou com o conflito atual e me representou Graciela (menina? Adulta? Não sei dizer) erotizando, em forma homossexual ativa, certas cenas, porque não pode afrontar de outro modo situações em que uma posição mais passiva poria em jogo seu domínio de si mesma. Questionei-me se ocultava, com uma atitude fálica, uma transferência erótica e me

respondi que não. O que estava em jogo para Graciela não era tanto um tema sexual, mas sim o de permitir que alguém entrasse em sua “sala de controle”, como me confirmou depois. Ao permitir-me conhecer aspectos novos de sua sexualidade – tema em que Graciela era muito rigorosa – estava permitindo que alguém soubesse de suas necessidades de afeto e experimentando novas formas de relacionar-se.

Pude vê-la como uma menina, com uma mãe com ideias quase delirantes (algumas das quais, curiosamente soavam parecidas às que professamos, os psicanalistas) e com um pai de cuja veracidade desconfiava. Eles destacavam seu fracasso, quando deveriam estabelecer a verdadeira complementariedade ou interdependência – não conseguiam sintonizar com a outra parte – e também me chamou a atenção a forma em que a paciente construiu, em resposta, uma interioridade em que nada pode entrar além de um ajudante subalterno – este, por outra parte, era o papel que até esse momento me havia outorgado na análise. Senti que agora estava se questionando se poderia realmente permitir que alguém se ocupasse de sua mente.

Pensei que tal recordação poderia encobrir outra, na qual ela ocuparia a posição passiva. Na realidade, Graciela não sabia como receber algo sem controlá-lo. Apressava-se em tomar um papel ativo, de uma forma em que não convidava nem permitia sequer que a outra pessoa ocupasse dito papel. Assim eu a via, desde menina – ou desde sempre – e senti que, como numa sala de brinquedos, se eu cumprisse bem com meu papel de ajudante, Graciela iria se permitir ensaiar outras formas de relacionamento.

Porém, esta representação em dois tempos de Graciela, que esteve em minha mente, me trazia certas interrogações:

Existiu esta Graciela menina ou só se trata de uma construção de análise, de uma menina do “a posteriori” (*nachträglichkeit*, *après-coup*)? Dito de outra maneira: seria um efeito do contexto da análise ou seria uma presença criadora de contextos?

Graciela recuperou representações e talvez recupere os afetos correspondentes, porém, ao mesmo tempo, modificou a forma de relacionar-se comigo. Ficou a pergunta acerca da possibilidade de uma certa mudança em seus traços cacarterológicos,

ou, ao menos, na rigidez do seu funcionamento. O que o corpo expressa: sua hipertonia, seu olhar desafiador e ao mesmo tempo inseguro, suas mudanças de voz, formam também parte de sua história? Haveria algo a recordar em relação a isso, e – se é assim, de que classe de recordações se tratam?

IV.- Falei de Graciela e falei do que me ocorria. Porém, eu mesmo como analista, formo parte de uma história coletiva, e em minha maneira de perceber e de pensar está marcada pelas mudanças nas ideias e nas práticas psicanalíticas. Chamamos a atenção não apenas ao problema de como está a história na análise, mas também à forma em que está a nossa psicanálise na história, e ao modo em que isto forma parte do nosso pensar e sentir.

Nos países periféricos aos grandes centros de produção teórica, as ideias sofrem, às vezes, uma evolução curiosa. As teorias dominantes chegam com atraso – que pode ser de décadas – porém com uma virulência incrementada, e substituem uma a outra sem interpenetrar-se mutuamente. Não é comum um debate a fundo entre as novas ideias e as antigas, e mais raro ainda é o caso de um processo que dê continuidade aos desenvolvimentos teóricos precedentes.

Se tomarmos a década de 60 como referência, veremos que em Rio de la Plata – sob a influência da teoria kleiniana – acreditava-se firmemente que, no aqui e agora da sessão, atualizavam-se ansiedades e relações de objeto primitivas do lactante. Não fazia falta portanto – propriamente falando – realizar uma tarefa de historiador, porque o passado era revivido como presente. “*Memories in feelings*”, dizia Melanie Klein, em uma frase, sem dúvida, expressiva.

Uma década depois, no Uruguai, a influência kleiniana começou, pouco a pouco, a abrir caminho a outras correntes que trouxeram, entre outras coisas, outras formas de pensar a psicanálise e de pensar a temporalidade. Talvez a mudança mais significativa tenha sido em relação às posturas que rechaçaram uma história linear do desenvolvimento e organizaram a ressignificação retroativa das experiências vividas.

Uma das vantagens do pluralismo – assumido como atitude interior de diálogo

– é que ele obriga o analista a explicitar seu próprios esquemas referenciais e modelos operativos. Mais ainda, conduz a reconhecer que em nosso diálogo com o paciente, em algum momento se faz também presente o diálogo com as teorias, ou mais concretamente, com as figuras com as quais estas teorias se relacionam direta ou indiretamente.

Talvez por causa desse fantasma inconsciente, é mais fácil substituir as teorias umas por outras – como lealdades que se rompem a favor de outras novas – ao invés de coloca-las internamente a dialogar ou debater. Tentaremos avançar nesta direção.

V.- O problema de como construir uma história psicanalítica de um paciente nunca foi simples de formular.

Freud postulou três tipos de relações temporais:

1.- Um modelo de desenvolvimento temporal em que o antes determina o depois, o que não impede que hajam latências e saltos de nível. Isto é o que vemos no esquema das séries complementares.

2.- O modelo do “*nachträglich*” ou “a posteriori”, no qual um acontecimento anterior adquire novo significado e eficácia psíquica posteriormente, em virtude do qual se modifica ao tomar parte em um novo contexto. Por exemplo, no Homem dos Lobos, o desenvolvimento sexual dá um novo sentido às imagens observadas pela criança, que então adquirem poder patogênico.

3.- O fenômeno do “*zurückphantasieren*” ou fantasia retrospectiva, que leva a atribuir a um momento anterior algo que ocorreu depois. Em Lembranças Encobridoras está presente este tipo de reelaboração temporal.

Freud não via contradição entre esses três modelos, porém a tradição posterior acentuou unilateralmente um deles em detrimento dos outros. A tradição kleiniana deu pouca importância à ressignificação retroativa e embora se possa falar de um jogo dialético entre as posições ou da ideia de transformação em Bion, predomina a ideia de uma conservação potencialmente inalterada das vivências arcaicas.

A noção de ressignificação sofreu este mesmo processo de unilateralização. O que em Freud era complementar, se tornou contraditório. Isto pode ser visto

claramente em Lacan, no momento de sua mudança de direção desde Hegel a posições do tipo estruturalista. Em seu Seminário do Elefante, nos anos 1953 e 1954, ele nos diz que já não é mais possível articular, sem contradição, os três conceitos que Freud reunia na regressão temporal - “*zeitlich-entwicklungsgeschichte*”: a história temporal do desenvolvimento. Ao mesmo tempo, a ideia freudiana de uma retranscrição (*umschrift*) ou reordenamento das marcas mnêmicas em diferentes sistemas de sinais, fica desmarcada de toda referência à corporalidade animal ou ao desenvolvimento evolutivo e conduz a um modelo de temporalidade em que o passado inconsciente é aquele que haverá sido (“*aura été*”): algo só pode ser simbolizado a partir da resignificação retroativa de sua ausência.

VI.- Não é fácil delimitar os pontos em discussão entre estes distintos modelos psicanalíticos de conceber a temporalidade. Eles, em realidade, remetem a debates mais gerais que formam o horizonte cultural de nossa época e que atravessam as distintas disciplinas. O tempo, a história, os mitos, o sujeito e o significado formam parte desses conceitos que hoje estão sendo revisados. Embora não estejam diretamente implicados na tarefa clínica do psicanalista, é difícil não os encontrarmos formando parte das certezas e incertezas daquilo que se percebe, pensa e psicanalisa.

VII.- O modelo de compreensão histórica é um dos aspectos em discussão. Freud propunha converter a biografia de Dora em um rio navegável, recuperando a continuidade da história interrompida por amnésias e falsas recordações. Este ideal de compreensão – “uma história clínica sem lacunas e completa” (1905) – era, por outro lado, o da historiografia da época. Porém, este ideal está hoje em questão. Se tomarmos em consideração os aportes do pós-estruturalismo e, em especial, aqueles autores que estão próximos à psicanálise, (Derrida, Foucault, Deleuze, etc.) veremos que, mais do que recuperar a continuidade de uma história, interessam, desde esta perspectiva, seus cortes e rupturas; mais que sua integração e unicidade, suas heterogeneidades e diversidades; mais que delimitar um texto para assinalar um significado, importa a intertextualidade. O significado deixa de ser uma propriedade do texto para formar parte dos efeitos do descentramento e do jogo das diferenças.

Em consequência a desconstrução passa a ser um conceito prioritário antes de qualquer tentativa de reconstrução. Estes desenvolvimentos não são indiferentes para a tarefa do psicanalista. Na medida em que os aceita, implica uma desconfiança na verdade de toda representação da unicidade do sujeito e uma preferência pelos momentos de ruptura da ordem consciente.

VIII.- Embora compartilhando o interesse pelas estruturas simbólicas, os autores de orientação hermenêutica (Gadamer, Habermas, Ricoeur, Frank, etc) tomaram um caminho, de certa forma contraposto, que os levou a organizar as experiências de significado que se dão no seio de uma comunidade interpretativa. O que, na posição estruturalista, aparece como uma relação entre significantes, aqui é vista como um contexto concreto inseparável do significado que possui para uma existência humana (Frank, 1989).

Entre os desenvolvimentos da corrente hermenêutica e os da psicanálise atual ocorreram naturalmente pontos de contato. A importância do relato - ou melhor, dos múltiplos relatos que compartilham analista e paciente - levou R. Schafer a repensar a teoria psicanalítica a partir desta perspectiva. Em relação ao tema que nos ocupa, a história em psicanálise, corresponde destacar a pergunta que se faz D. Spence acerca de se as reconstruções psicanalíticas do passado devem pretender alcançar uma verdade histórica ou apenas uma verdade narrativa (1982). Admitida, pois, a possibilidade de construir uma história significativa, lidamos com o questionamento de se ela deve aspirar a corresponder a algum tipo de realidade histórica ou tão somente possuir coerência narrativa e eficácia terapêutica no momento da sessão.

IX. A seguinte pergunta tem relação com o problema da linguagem a empregar nesta reconstrução, levando em consideração as controvérsias epistemológicas que rodeiam a psicanálise. A linguagem da metapsicologia freudiana há muito que deixou de ser a língua única entre analistas, embora, como as joias da família, todos a conservemos e reconheçamos sua utilidade para os momentos de crise. Porém seu marco conceitual foram os fatos deformados pelo surgimento de múltiplos paradigmas (kleiniano, lacaniano, kohutiano, winnicottiano, etc) com zonas parcialmente

incomensuráveis entre si, que levaram a uma reformulação da maioria dos conceitos e a revisar os pontos de partida e as premissas de toda a construção teórica. Porém o problema em discussão não é apenas qual metapsicologia utilizar, mas se a mesma empresa metapsicológica tem sentido e é necessária ou se pode ser substituída com vantagens por outras formas de teorização, mais próximas à experiência clínica (G.S. Klein, 1976, p.ex.). Esta maior consciência da pluralidade de respostas, unida com uma maior atenção aos fenômenos clínicos, nos levou a dar atenção a teorias implícitas (Sandler, 1983) e aos distintos modelos operativos (Greenson, 1960) que realmente atuam na mente do analista durante a sessão, além de suas crenças teóricas ou suas profissões de fé metapsicológica. Começamos a perceber, nesta mesma linha, que a experiência de análise, mais que em uma linguagem única, pode expressar-se em diferentes linguagens de validades parciais.

X. Outra zona de controvérsia diz respeito a se a psicanálise deve limitar-se aos dados clínicos ou, sem desconhecer o carácter essencial destes, deve buscar complementa-los com dados extra-clínicos, como os de tipo epidemiológico ou experimental. A possibilidade de fundamentar certo tipo de afirmações gerais a partir somente da evidência clínica, tem sido questionada por Grunbaum (1993). Por outra parte, os registros clínicos, quer dizer, o texto das sessões psicanalíticas, possibilitam distintos tipos de investigações empíricas, como o mostra o Banco de Textos de Ulm (H. Kächele), ou os estudos de Luborsky, para citar apenas dois exemplos.

Para o nosso tema, tem especial relevância os estudos sobre o desenvolvimento e a psicopatologia do lactante, realizados nos últimos 15 anos e que reconsideram o problema de como articular o bebê reconstruído a partir da análise, com o bebê observado, seja diretamente, seja através de distintas técnicas de investigação.

A psicanálise deveria tomar em consideração estes tipos de observações? Não está claro quais razões internas impediriam o diálogo com um campo relacionado. Porém, ademais, este diálogo pode contribuir com áreas tão essenciais como é o da epidemiologia, hipótese que só a psicanálise dispõe e que poderiam significar

um avanço no terreno da prevenção e das políticas de saúde. Recentemente, epidemiologistas como Rutter (1994), que até este momento havia se baseado em hipóteses comportamentais, reivindicam uma maior compreensão dos mecanismos e contextos em que ocorrem os transtornos do desenvolvimento e sua transmissão intergeracional.

Os estudos do desenvolvimento propõem – em relação ao nosso tema – duas perguntas às quais gostaria de me referir.

Existe história antes da palavra? E, se existe algo desta ordem, que relação mantém com os traços infantis que encontramos no trabalho analítico?

Vamos à primeira delas. Em um recente diálogo com J. Sandler (reproduzido no *Infant Mental Health Journal*, 1994, 15,1), Daniel Stern (1994) se pergunta como são representadas, no início da vida, as experiências de relação interpessoal. Sugere que a criança representa os momentos significativos da relação com o outro, através de diferentes esquemas: sensório-motores, perceptivos, conceituais, scripts ou argumentos, configurações temporais afetivas (“*temporal feeling shapes*”) e invólucros protonarrativos (“*protonarrative envelopes*”). Creio que estas três últimas categorias merecem uma reflexão em relação ao nosso tradicional modelo de marcas perceptivas de experiências e retranscrição em diferentes sistemas de sinais. O que agrega Stern é que, durante o seu primeiro ano de vida, a criança estaria em condições não apenas de reconhecer o objeto, através de muitas primitivas representações conceituais transmodais e de diretrizes temporais de relacionamento com valor afetivo e também de manter um diálogo não verbal com ele, bem como de interiorizar essas sequências interativas em forma de argumentos ou *scripts* carregados de significado afetivo que constituem verdadeiras protonarrativas.

O conjunto ou rede destes esquemas constituem o que Stern denomina “esquemas-de-estar-com-outro-de-determinada-maneira”, quer dizer, esquemas que organizam as experiências relacionais prevalentes. Estes “esquemas-de-estar-com”, eventualmente múltiplos ou contraditórios, são modificados e reconfigurados, e aparecem evocados ou postos em ato na vida futura através de fantasias, memórias

ou relatos autobiográficos. Por exemplo, o “esquema-de-estar-com-uma-mãe-deprimida” se manifestaria tanto nas comprovações experimentais de Brazelton, como nas descrições psicanalíticas de A. Green da mãe morta.

É possível reconhecer que estas propostas implicam dois pontos fortes em discussão. Um deles tem relação com o fato de que, ainda admitindo que a experiência básica da vida mental seja relacional, mantém-se a objeção (que coloca Emde no mesmo número da revista, 1994) de que o termo “protonarrativas” seja excessivo, tendo em conta a diferença com as narrativas verbais. A segunda objeção, mais profunda, está associada ao problema de diferenciar, nestes esquemas relacionais, os aspectos vinculados com o inconsciente psicanalítico, daqueles aspectos quase estruturais e não experienciais. Como assinala Sandler no mesmo número (1994), a noção de esquema corporal coloca problemas similares. Como a criança dá sentido aos seus próprios e complexos comportamentos relacionais e como constrói a partir dele um mundo interno sobre a base da experiência subjetiva? Em suma e para retomar uma expressão de Stern, o problema de como construir um bebê clinicamente relevante, segue sendo uma questão aberta e apaixonante. Mais ainda, como dissemos acima, se adicionarmos a pergunta sobre a relação com as marcas vivas que encontramos no trabalho com o inconsciente.

XI.- Que sentido ou utilidade tem uma enumeração de controvérsias de distintos níveis como as que realizei nas páginas precedentes?

Creio que neste momento em que o pluralismo tende a ser reconhecido como inevitável na cena psicanalítica, é necessário colocar para dialogar as distintas concepções para poder compreender melhor os caminhos que abrem e que fecham cada uma delas e, em consequência, as próprias opções. O risco, o “lado obscuro do pluralismo”, como o denominou Schafer, reside na forma de relativismo que conduz ao ceticismo ou às eleições arbitrárias. Faz-se então necessário, clarificar os próprios critérios de evidência que conduzem a uma tomada de posição.

Em muitos dos debates da cultura atual que mencionei, pude participar apenas como um observador medianamente informado. Também não disponho de critérios

de validação de minhas interpretações que sejam compartilhados a nível da comunidade analítica. Porém, a nível da clínica, tenho minhas certezas, algumas delas apaixonadas. Creio que um caminho seria explicitá-las, sabendo que, ainda quando não chegamos a critérios consensuais, ao menos podemos alcançar uma melhor compreensão de nossas diferenças.

Com este espírito, voltarei ao caso de Graciela para, a partir dele, expor certas convicções e questionamentos.

XII.- Creio que para Graciela, a recuperação de recordações sexuais infantis teve um certo efeito de surpresa e de ruptura útil – falar de desconstrução seria excessivo – de seu discurso manifesto em sua forma de relacionar-se comigo e nos afetos que suscitaram, o conflito que implicava o vínculo e que a mim chegava em forma de dilema: se eu a acompanhasse como um ajudante não seria suficiente, porém se tomasse a iniciativa seria vivido como intrusivo e levaria a fantasias paranoides. Seu corpo participava desta problemática através do que descrevi como sua atitude tensa e enérgica, que dava lugar a momentos de hesitação e insegurança. Estou seguro de que meus movimentos durante a sessão, se pudesse registra-los, mostrariam, em correspondência com os da paciente, as dificuldades de um diálogo tônico-fásico que combinava elementos de suporte com outros que produziam estímulos mútuos. Tampouco duvido que isto ocorra com frequência na vida de Graciela.

Onde buscar, então, a arqueologia, “Ur” ou primária nesta história?

Creio – estou explicitando meu modelo operativo – que algo começa muito antes da linguagem, na relação do corpo com os outros, chamemo-lo “esquemas-de-estar-com” ou pictogramas. As marcas desta pré-história estão, sem dúvida, no corpo vivente, provavelmente na zona em que os traços temperamentais se prolongam na organização do caráter. Se algum sentido deve ser conservado na noção de pulsão, é precisamente esta exigência que o corpo impõe ao psiquismo, começando por dar sentido a seus próprios comportamentos interativos⁴.

4. Por essa razão, para Freud, a representação-coisa é algo mais que uma pura marca perceptiva. Tem o caráter de um esquema desencadeante da pulsão e está, por sua vez, submetida ao influxo dos esquemas mais gerais que são as fantasias originárias. Freud também assinala o papel da coisa (ding) como sendo o aspecto do semelhante irreduzível à experiência com o próprio corpo, diferente do aspecto que é apropriável por identificação. As representações-coisa se situam assim na encruzilhada dos processos inconscientes que levam à organização da experiência com o próprio corpo e com os outros (Bernardi, R., 1978. Representação de palavra e representação de coisa na concepção freudiana do inconsciente, Revista Uruguaya de Psicoanálisis, 57,(p. 111-124).

A subjetivação destas experiências e mudanças corporais inclui em suas primeiras etapas, sem dúvida, elementos pré-verbais. Tanto a noção de esquemas-de-estar-com, como os pictogramas de Piera Aulagnier, apontam para estas primeiras formas de representação. O ponto de discussão é acerca de seu caráter primitivamente interativo e este é um ponto difícil de se resolver por não ser alcançado separadamente pela evidência clínica, nem pela observação, mas se faz necessário construir modelos que articulem os dois.

Esta subjetivação é objeto de ressignificações, reconfigurações ou reelabora-ções de diferentes tipos. O que nelas importa é o problema de onde se encontra a eficácia psíquica. Não é outra a razão que levou Freud a postular o inconsciente: que algo do qual não temos consciência possa produzir efeitos e portanto ter poder patogênico ou terapêutico. Onde buscar este poder de mudança nos inumeráveis relatos que paciente e analista trocam na sessão?

Por isso, para Freud, a representação-coisa é algo mais do que uma pura marca perceptiva. Tem o caráter de um esquema desencadeante da pulsão e está, por sua vez, submetida ao influxo dos esquemas mais gerais que são as fantasias originárias. Freud também assinala o papel da coisa (*ding*) como o aspecto do semelhante irreduzível à experiência com o próprio corpo, diferente do aspecto que é apropriável por identificação. As representações-coisa situam-se assim, na encruzilhada dos processos inconscientes que levam à organização da experiência com o próprio corpo e com os outros.

Quando Graciela responde à minha interpretação recuperando uma recordação infantil, não está somente modificando suas memórias, está também ensaiando novas formas de permitir o acesso à sua intimidade. Nesta relação entre o que Jorge Galeano Muñoz (1990) denominava o nódulo caracterial das neuroses e as formas de tratar o objeto – e também a si mesmo, por interiorização destes vínculos – encontra-se viva uma parte da história, cuja repetição é também a porta à sua modificação.

Os relatos significativos são seguramente mais variados e intrincados que os que se manearam no período kleiniano da psicanálise rio-platense. As conexões

temporais certamente mais complexas. A articulação entre continuidade e descontinuidade na história, mais difícil de se resolver. Porém, creio que algo da história da nossa psicanálise segue vigente na relação assinalada pelos Baranger (1969), Liberman (1970) e muitos outros, entre relação analítica, psicopatologia e o relato do paciente. Acredito que essas noções, revisadas à luz dos desenvolvimentos atuais, seguem sendo necessárias para entender a forma em que passado, presente e futuro se entrelaçam na análise.

Memory, body and history

ABSTRACT: The author develops the idea that something begins long before language, in the relationship of the body with others, called “schemes-of-being-with” or pictograms. The marks of this prehistory are undoubtedly in the living body, probably in the zone where the temperamental traits are prolonged in the organization of the character. If any sense is to be retained in the notion of drive, it is precisely this requirement that the body imposes on the psyche, beginning by giving meaning to its own interactive behaviors.

KEYWORDS: psychoanalysis, body, memory, history.

Memoria, cuerpo y historia

RESUMEN: El autor desarrolla la idea de que algo comienza mucho antes del lenguaje, en la relación del cuerpo con los demás, denominados “esquemas-de-estar-con” o pictogramas. Las marcas de esta prehistoria están, sin duda, en el cuerpo viviente, probablemente en la zona en que los rasgos temperamentales se prolongan en la organización del carácter. Si algún sentido debe ser conservado en la noción de pulsión, es precisamente esta exigencia que el cuerpo impone al psiquismo, empezando por dar sentido a sus propios comportamientos interactivos.

PALABRAS-CLAVE: psicoanálisis, cuerpo, memoria, historia.

Referências

- Baranger, M. & Baranger, W. (1969). *Problemas del Campo Analítico*. Buenos Aires: Kargieman.
- Bernardi, R., 1978. Representación de palabra y representación de cosa en la concepción freudiana del inconiente. In *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 57, p. 111-124.
- Emde, R. (1994). Developing psychoanalytic representations of experience. In *Infant Mental Health Journal*. 15, 1, p. 42-49.
- Frank, M. (1989). *What is Neostructuralism?* Univ. of Minnesota Press.
- Freud, S. (1905). Fragmento de análisis de un caso de histeria, VII, p. 16. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Galeano Muñoz, J. (1990). *Un Itinerario*. Montevideo: Trilce.
- Greenson, R. 1960. Empathy and its vicissitudes. *Int. J. of Psychoan.*, XLI.
- Grunbaum, A. (1993). *Validation in the clinical theory of psychoanalysis*. Int. Univ. Press. Madison & Connecticut.
- Haggerty, R.J.; Sherrod, L.R.; Garmezy, N.; Rutter, M. (1994). *Stress, Risk and Resilience in Children and Adolescents*. Cambridge Univ. Press.
- Klein, G.S.(1976). *Psychoanalytical Theory*. New York: Int. Univ. Press.
- Lacan, J. (1966). *Seminario I*, p. 173. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1971). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. En: *Lectura estructuralista de Freud*, p.117. México: Siglo XXI.
- Liberman, D. (1970). *Lingüística, Interacción Comunicativa y Proceso Psicoanalítico*. Buenos Aires: Galerna.
- Sandler, J. (1983). Reflexions on some relations between psychoanalytical concepts and psychoanalytical practice. *Int.J. Psychoan.* 64:35-45.
- Sandler, J. (1994). Fantasy, defense and the representational world. In *Infant Mental Health Journal*. 15,1, p.26-35.
- Spence, D. P. (1982). *Narrative Truth and Historical Truth*. New York: Norton.
- Stern, D. (1994). One way to Build a Clinically Relevant Boy. In *Infant Mental Health Journal.*, 15, 1, p.19-25